



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio de La Moneda, em conjunto com a presidente do Chile, Michelle Bachelet, após cerimônia de assinatura de atos**

**Santiago - Chile, 26 de abril de 2007**

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente:** Primeiro, eu quero uma relação primorosa com o Chile, não para criar contrapeso contra quem quer que seja, mas para melhorar a vida do povo chileno e a vida do povo brasileiro. Segundo, é importante que a gente compreenda o que era a Venezuela antes do Chávez e o que é a Venezuela depois do Chávez. É importante a gente lembrar que o Chávez tem o seu comportamento interno, que seu povo gosta, tanto que o reelegeu tantas vezes, mas que tem tido uma relação, eu diria, democrática e civilizada com o Brasil. Temos parcerias muito fortes, investimentos brasileiros na Venezuela muito grandes, investimentos da Venezuela no Brasil, e quero dizer que não vejo nenhum problema, também não acredito na existência de “chavismo”. Eu acredito na existência de uma consciência sul-americana que se descobriu para si próprio. Eu acho que o grande problema que nós temos na América do Sul não é o Chávez, não é a Michelle, não é o Lula, não é o Nicanor, não é o Evo Morales. O grande problema que nós temos no nosso Continente é que precisamos recuperar décadas e décadas em que o povo pobre foi submetido à fome, à falta de educação, já que nós agora temos um exército enorme de jovens, de 15 a 24 anos, e precisamos dar a eles oportunidades. Então, eu penso que o problema é esse, que vivemos na América Latina e na América do Sul.

Eu tenho certeza que nós vamos construir essa integração com Michelle, com Chávez, com Kirchner, com Rafael Correa, com Evo Morales, com Nicanor



Duarte, com o companheiro Uribe, com o Alan García e com o companheiro Tabaré, no Uruguai. Eu acho que nós precisamos compreender que muitas vezes um discurso, uma frase ou um ato, em função do seu público interno, das disputas internas, não podem criar nenhum problema no âmbito internacional. É assim que eu penso.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou, muito longamente, sobre o potencial hidrelétrico e sua expectativa de explorar esse potencial. Mas nós sabemos, no Brasil mesmo, de projetos importantes que o seu governo apóia, como o do Madeira, que vêm enfrentando barreiras ambientais e alguns relatórios, inclusive, começam a desaconselhar a execução desses projetos. Eu gostaria de saber como os senhores, se os senhores discutiram esse problema, a questão das barreiras ambientais, e o que os senhores pretendem fazer em relação a isso.

**Presidente:** Primeiro, a questão ambiental é uma questão séria e cada país que estiver pensando em desenvolvimento precisa levar a questão ambiental muito a sério. Agora, o problema da construção das hidrelétricas no Brasil não é uma questão ambiental, é uma questão legal, porque a política de meio ambiente é regulada por um conjunto de leis que foram aprovadas no Congresso Nacional e que dão, ao homem ou à mulher que é obrigado a fazer a fiscalização e dar o licenciamento, os amparos legais para agirem como agem.

Quando fizemos o PAC, nós mandamos, inclusive, junto com as propostas das coisas que queríamos construir, mudanças no marco regulatório, para que a gente pudesse definir corretamente em que instância nós vamos deliberar sobre uma coisa, se é o estado ou se é a União. E isso vai ser resolvido. É melhor demorar um pouco mais, e a gente fazer as coisas bem



feitas, do que fazer um monumento à insanidade como Balbina, na década de 80, no nosso País.

Eu penso que o mundo, hoje, exige de nós maior preocupação e maior responsabilidade ambiental. Isso não significa que você vai deixar de fazer uma obra, porque a energia que nós precisamos, sai de uma hidrelétrica, sai da energia nuclear ou sai de uma termelétrica – que pode ser a carvão, a gás, a óleo diesel – ou ela sai da energia produzida pela biomassa ou da energia eólica. O que você pode ter certeza é que nós temos clareza das necessidades energéticas do País e vamos atender as necessidades que o Brasil precisa.

**Jornalista:** Boa tarde, presidente Lula. Uma pergunta, eu tenho que trazer essa questão para o senhor, até por que, conversando com os colegas, é uma dúvida que a gente tem. Nós estamos no país da concertação. Em algum momento, quando o senhor estava formando esse governo, chegou a dizer que se espelhava um pouco – e o ministro Tarso Genro falou várias vezes – na concertação chilena para formar o governo, com uma base ampla, e o senhor vinha tentando, até pelos interesses que tem no segundo mandato em relação ao PAC e ao PDE, ampliar ainda mais essa base, conversando, também, com a oposição. Agora, como é possível, e aí vai a questão, manter esse diálogo com a oposição, quando ela, neste momento, vai investigar o governo duas vezes sobre o mesmo assunto, com duas CPIs, já que conseguiu uma CPI no Senado e outra na Câmara. Além disso, o partido do senhor, o Partido dos Trabalhadores, decidiu fazer uma oposição dura aos governadores tucanos, aos governadores do PSDB, aos governadores de oposição em seus estados. Então, como é possível manter essa proposta do senhor e, ao mesmo tempo, manter esse diálogo com a oposição e enfrentar esses problemas: as CPIs e a dureza do PT com a oposição. Muito obrigado.

**Presidente:** Meu caro Celso, companheiros da imprensa brasileira e da



imprensa chilena. Na verdade, dizem que o bom político é aquele que não comenta os problemas internos do seu país em viagens internacionais. Eu poderia dizer para você: me faça essa pergunta amanhã à noite, quando eu chegar ao Brasil. Entretanto, eu me sinto tão em casa no Chile que vou responder essa pergunta. Veja, a Câmara e o Senado podem, todos os anos, aprovar um conjunto de CPIs. Na Câmara ia ter um limite de cinco CPIs por ano, no Senado não tem limite. Todo mundo que faz política sabe que a CPI é um instrumento minoritário, é um instrumento das minorias. Aliás, foi a própria decisão da Suprema Corte que disse que era o atendimento da minoria no Congresso Nacional. Ora, se é um instrumento da minoria, e eu fui minoria tanto tempo, e tanto tempo pedi CPI contra os outros, por que eu haveria de ficar zangado com uma CPI contra o meu governo? Eu compreendo as razões e acho que fazem parte do processo democrático do País. A economia está crescendo, os juros estão caindo, os empregos, as reservas e o salário estão aumentando, a agricultura está produzindo cada vez mais, a balança comercial está crescendo cada vez mais, e em todo esse bojo, os números do governo também vão aumentando. Ora, se alguns setores da oposição precisam de uma CPI para fazer o seu papel no Congresso Nacional, eu entendo isso como normal. Agora, por isso não vou deixar de conversar com a oposição. Primeiro, porque aprendi, há muito tempo, a ser civilizado, e quero tratar a oposição com o respeito que ela merece. E a CPI não mudará o meu comportamento em relação à oposição.

O fato do Presidente do PT ter dito que iria ser mais duro, por enquanto eu só sei porque você me disse, mas não sei se houve nenhuma decisão na bancada, nenhuma decisão na instância do partido. Eu acho que a gente não pode, em hipótese alguma, secundarizar o prioritário para tratar de forma prioritária aquilo que é secundário. O prioritário, neste instante, é consolidar o Programa de Aceleração do Crescimento Econômico no Brasil; o prioritário, neste instante, é consolidar o Plano de Desenvolvimento da Educação; o



prioritário é que, daqui a 30 dias, vamos lançar um outro PACzinho da política social no País e, daqui a mais alguns dias, um outro PACzinho da Saúde no País. Então, enquanto a oposição pensa em fazer a CPI, eu vou pensando em construir o Brasil, afinal de contas, foi para isso que fui eleito Presidente da República: para construir o Brasil e deixar o País melhor preparado para quem vier me substituir. Muito melhor do que o Brasil que herdei.

Então, meu caro Celso, é assim que eu penso e quero reafirmar que não mudarei meu comportamento por causa de uma, duas, três, quatro ou cinco CPIs. Eu vou continuar olhando para os 190 milhões de brasileiros, que é o que interessa neste momento.